

OSCAR WILDE

OBRA RECOMENDADA
Leitura
Autônoma
II.º ano

O RETRATO DE DORIAN GRAY

Tradução da escritora
Carla Maia de Almeida

Introdução do escritor
Afonso Cruz



Índice

Introdução.....	7
Prefácio.....	11
Capítulo 1.....	13
Capítulo 2.....	30
Capítulo 3.....	49
Capítulo 4.....	66
Capítulo 5.....	85
Capítulo 6.....	100
Capítulo 7.....	110
Capítulo 8.....	125
Capítulo 9.....	142
Capítulo 10.....	155
Capítulo 11.....	166
Capítulo 12.....	190
Capítulo 13.....	199
Capítulo 14.....	208
Capítulo 15.....	224
Capítulo 16.....	236
Capítulo 17.....	248
Capítulo 18.....	257
Capítulo 19.....	269
Capítulo 20.....	281

Introdução

O *Retrato de Dorian Gray* foi o único romance escrito por Oscar Wilde, que nasceu em 1854 e morreu com apenas 46 anos, depois de ter sido preso e condenado por indecência («atos imorais com vários rapazes»), numa altura em que a homossexualidade era crime, e haveria de continuar a sê-lo até 1967. Wilde deixou várias obras, contos, teatro, ensaios, poemas — mas romance, tal como mencionado antes, apenas um. Porque o autor era sobejamente conhecido pelo seu sarcasmo e pela forma mordaz como expunha alguns temas, especialmente delicados na sociedade em que vivia (este livro, *O Retrato de Dorian Gray*, não é exceção), valerá a pena parafrasear Wilde, confrontando-o hipoteticamente com a resposta à questão: «Quais são, para si, os três melhores romances de sempre?» À qual ele teria respondido: «Não posso escolher três, porque ainda só escrevi um.»

O romance faz uso de um tema recorrente nas artes — especialmente na literatura e no cinema —, o duplo, que é muitas vezes desenvolvido numa perspetiva maniqueia, em que o mal é conduzido a um limite extremo e grotesco, criando uma tensão espelhada entre a personagem original e a metamorfose a que se vai assistindo.

O retrato pintado por Basil Hallward, amigo de Dorian Gray, serve de ponto de partida para algumas especulações filosóficas sobre a arte, nomeadamente quanto à ideia de que quando um artista cria está a representar-se, está a criar um autorretrato. Não importa se o que pinta é uma paisagem. Essa paisagem é a sua alma: «Todo o retrato pintado com sentimento é um retrato do artista, não do modelo. O modelo é um acaso, uma circunstância. Não é ele que o pintor revela. Pelo contrário: é o pintor que se revela a si próprio na tela colorida. A razão por que não quero mostrar esse retrato é essa: receio ter posto nele o segredo da minha alma.» (pág. 18) Neste caso em particular, Basil Hallward temia que o retrato de Gray denunciase o amor que tinha pelo seu jovem modelo, e essa, no contexto vitoriano, era uma confissão que queria evitar. Mais à frente, e já a chegar ao final da intriga, defenderá uma posição oposta a esta: «Alguns dias depois, quando o quadro saiu do meu estúdio e eu me libertei do fascínio da sua presença, achei-me tolo por imaginar que tinha visto alguma coisa nele; além do facto de tu seres lindíssimo e da certeza de que eu era capaz de pintar. Mesmo agora, sinto que é um erro acreditar que a paixão que se sente na criação possa alguma vez ser vertida na obra. A arte é sempre mais abstrata do que imaginamos. As formas e as cores explicam-nos as formas e as cores, nada mais do que isso. A maior parte das vezes, acho que a arte esconde o artista em vez de o revelar.» (pág. 151)

Mas o verdadeiro acontecimento que irá conduzir a narrativa é a metamorfose que a pintura vai sofrendo, trazendo à superfície, à representação, todas as camadas mais secretas e tenebrosas da alma do retratado. A pintura começou por revelar o corpo de Gray para passar depois a refletir a alma, numa crescente decadência, expondo-a na sua maior torpeza. «Da mesma

forma que lhe expusera o corpo, iria expor-lhe a sua própria alma.» (pág. 141) O artifício literário funciona muito bem e permite aquelas lucubrações pelas quais Wilde era conhecido, mas curiosamente é problemático quando analisado fora das artes, se admitirmos a existência, tal como se defende a certa altura no romance, de uma correspondência entre a alma e a aparência, algo que pode ser perigoso assumir como verdade: «A suposição ingênua de que um homem mau é facilmente reconhecível resulta num grande perigo: deixa-se de reconhecer os homens maus antes que eles tenham iniciado sua tarefa de destruição [...] Qualquer análise que distorcesse a imagem de Hitler, privando-o da sua humanidade apenas intensificaria a tendência a nos tornar cegos diante dos Hitlers em potencial, a menos que eles usassem chifres» (Erich Fromm, *Anatomia da destrutividade humana*, Guanabara, Rio de Janeiro, 1987, p. 574).

Esta simetria entre interior e exterior, apesar de não se verificar na realidade (e ser uma crença perigosa, tal como alerta Fromm), é aliciante, recorrente e tem uma longa história: numa discussão sobre se o Diabo devia ser feio ou bonito, a Igreja, no Concílio de Trento, optou por um Diabo feio, cuja aparência correspondesse à sua natureza, ainda que um Diabo sedutor tivesse sido bem mais eficaz no que respeita à corrupção das almas.

Num plano mais próximo do quotidiano, seria profundamente injusto achar que uma pessoa invulgarmente feia (seja lá o que isso for) fosse por isso uma pessoa invulgarmente má (ainda que a fealdade não seja propriamente ou apenas uma questão, uma vez que aqui, no romance de Wilde, é levada ao grotesco e à monstruosidade). Como ficou claro com a ideia de «banalização do mal», de Arendt, o maior choninhas pode ser autor das maiores hecatombes. Os monstros não são pessoas com cauda e pés de cabra.

Aliás, Wilde, ao usar este mecanismo ficcional, acaba por mostrar que uma pessoa hedionda pode ser tão bonita como Dorian Gray. Na verdade, o retrato manteve-se sempre oculto e só ele acedia e assistia à metamorfose permanente, o que pode ser uma boa metáfora da realidade.

Uma outra interpretação recorrente da questão do retrato, e que tenho ouvido em diferentes contextos, traz à discussão as redes sociais e a representação idílica de certas vidas. Curiosamente, a metamorfose que o retrato sofre, no sentido da verdade da alma, é exatamente o oposto do que normalmente se pretende, que é partilhar uma fotografia embelezada e idealizada, que não corresponde à realidade da rotina nem à aparência das pessoas retratadas nem ao seu estado emocional. Enquanto o retrato de Gray ia ficando cada vez mais horrível, esse tipo de fotografias partilhadas nas redes sociais procura mostrar uma perfeição deslumbrante, sofrendo as devidas alterações estéticas. Diria que são os antirretratos de Dorian Gray.

Uma das frases mais conhecidas de Oscar Wilde refere que a vida imita a arte. Se a frase se verificar, é possível que um dia, tal como acontecia com Pinóquio, determinados defeitos de carácter possam fazer crescer uma cauda. Seria uma enorme invasão de privacidade, mas essa exposição da alma ajudaria muito a decidir melhor em quem votar.

Afonso Cruz

Prefácio

O artista é o criador das coisas belas.
Revelar a arte e ocultar o artista é a finalidade da arte.
O crítico é aquele que consegue traduzir de outro modo, ou com um novo material, a impressão que lhe suscitam as coisas belas.

Tanto a crítica mais elevada como a mais mesquinha são uma forma de expressão autobiográfica.

Aqueles que encontram significados sórdidos nas coisas belas são corruptos, mas não têm qualquer charme. Eis um defeito.

Aqueles que encontram significados belos nas coisas belas são os cultos. Para esses há esperança. São os eleitos, para quem as coisas belas significam apenas a beleza.

Não há livros morais nem imorais. Os livros são bem ou mal escritos. É tudo.

A aversão do século XIX ao realismo é a raiva de Caliban por ver o seu rosto refletido num espelho.

A aversão do século XIX ao romantismo é a raiva de Caliban por não ver o seu rosto refletido num espelho.

A vida moral do homem faz parte dos temas do artista, mas a moralidade da arte consiste no uso perfeito de um meio

imperfeito. Nenhum artista quer provar coisa alguma. Porque até as coisas verdadeiras podem ser provadas.

Nenhum artista tem empatias éticas. Num artista, a empatia ética é um maneirismo de estilo imperdoável.

Nunca nenhum artista é mórbido. O artista pode exprimir tudo. O pensamento e a linguagem são, para ele, instrumentos de uma arte. O vício e a virtude são materiais da arte.

Do ponto de vista da forma, o exemplo de todas as artes é a arte do músico. Do ponto de vista da emoção, o exemplo é a arte do ator.

Toda a arte é, ao mesmo tempo, superfície e símbolo. Aqueles que interpretam abaixo da superfície fazem-no por sua conta e risco. Aqueles que leem o símbolo fazem-no por sua conta e risco.

A arte reflete o espectador e não a vida. Se existe diversidade de opiniões sobre uma obra de arte, isso mostra que essa obra é nova, complexa e vital. Quando os críticos discordam, o artista está de acordo consigo próprio.

Podemos perdoar um homem por fazer uma coisa útil, desde não tenha admiração por ela. A única desculpa necessária para fazer uma coisa inútil é admirá-la intensamente.

Toda a arte é perfeitamente inútil.

Oscar Wilde

Capítulo 1

O estúdio estava impregnado do odor intenso das rosas, e quando a brisa de verão passava entre as árvores do jardim, entrava pela porta o aroma forte dos lilases ou o perfume mais delicado do espinheiro-rosa em flor.

Do canto do divã persa almofadado onde se recostava, fumando cigarro atrás de cigarro, como era seu hábito, Lord Henry Wotton conseguia ter apenas uma visão fugaz das flores adocicadas e cor de mel de um laburno, cujos ramos trêmulos mal pareciam suportar o peso daquela beleza flamejante. De vez em quando, sombras fantásticas de pássaros no seu voo tocavam o longo cortinado de seda que cobria o janelão, produzindo um efeito japonês momentâneo que lhe lembrava aqueles pintores de Tóquio, de pálidos rostos de jade, cujo intuito é transmitir a sensação de rapidez e movimento através de uma arte necessariamente imóvel. O murmúrio rabugento das abelhas, voando entre a relva crescida ou circulando com repetida insistência à volta das flores aguçadas e polvilhadas de ouro da madressilva brava, parecia tornar o silêncio ainda mais opressivo. O burburinho de fundo vindo de Londres soava como a nota grave de um órgão longínquo.

No centro da sala, pousado num cavalete vertical, encontrava-se o retrato de corpo inteiro de um jovem extraordinariamente belo; e a uma curta distância, à sua frente, sentava-se o próprio artista, Basil Hallward, cujo desaparecimento repentino, alguns anos antes, causara um grande falatório e dera origem às mais estranhas teorias.

Enquanto o pintor contemplava a figura delicada e atraente que o seu talento artístico projetara, um sorriso de contentamento assomou-lhe ao rosto, parecendo demorar-se. De repente, sobressaltou-se e, fechando os olhos, tapou as pálpebras com os dedos, como se pretendesse capturar no cérebro algum sonho interessante do qual tinha receio de acordar.

— É o teu melhor trabalho, Basil. O melhor que já fizeste até hoje — afirmou Lord Henry, languidamente. — Tens de enviá-lo para a galeria Grosvenor, no próximo ano. Na Academia, cabe tudo e toda a gente. Sempre que lá fui, havia tantas pessoas que nem consegui ver os quadros, o que foi horrível. Ou, pior ainda, os quadros eram tantos que me era impossível ver as pessoas. Realmente, Grosvenor é o único sítio possível.

— Acho que não vou enviá-lo para sítio nenhum — respondeu Basil, inclinando a cabeça para trás, naquele trejeito peculiar que muitas vezes fazia os amigos de Oxford rirem-se dele. — Não, não vou mesmo enviá-lo para sítio nenhum.

Lord Henry arqueou as sobrancelhas e encarou-o, espantado, por entre as argolas de fumo que subiam em caprichosas espirais, libertando-se do seu cigarro forte e maculado de ópio.

— Não vais enviá-lo para lado nenhum? Meu caro amigo, mas porquê? Qual é a razão? Vocês, pintores, são criaturas muito estranhas! Fazem tudo para obter reputação e, mal a têm, atiram-na pela janela. É insensato da tua parte, porque só há no mundo uma coisa pior do que falarem mal de nós, que é não

falarem de todo. Um retrato como este colocar-te-ia num plano superior ao dos jovens de Inglaterra e deixaria os velhos invejosos, se é que os velhos são capazes de sentir alguma emoção.

— Eu sei que te vais rir — replicou ele —, mas não posso mesmo mostrá-lo numa exposição. Pus nele demasiado de mim.

Lord Henry estendeu-se no divã e deu uma gargalhada.

— Pronto, já sabia que te ias rir... Mas é a pura verdade.

— Demasiado de ti! Palavra de honra, Basil, não sabia que eras tão vaidoso. A sério que não consigo ver qualquer semelhança entre ti, a tua cara austera e o teu cabelo preto como carvão, e este jovem Adónis, que se diria feito de marfim e pétalas de rosa. Então, meu caro Basil, ele é um Narciso e tu... bem, é certo que tens uma expressão intelectual e tudo isso. Mas a beleza, a verdadeira beleza acaba onde a expressão intelectual começa. Em si mesmo, o intelecto já é um exagero e destrói a harmonia de qualquer rosto. Mal começamos a pensar, somos só nariz ou só testa, ou uma coisa igualmente repugnante. Olha para esses homens bem-sucedidos nas profissões eruditas. Como são horrorosos! Com a exceção, é claro, da Igreja. Mas a verdade é que na Igreja não se pensa. Aos oitenta anos, um bispo continua a dizer as mesmas coisas que o ensinaram a dizer quando tinha dezoito, e é por isso que parece sempre naturalmente simpático. O teu misterioso jovem amigo, cujo nome nunca me revelaste, mas cuja imagem me fascina, não é capaz de pensar. Quanto a isso, tenho a certeza. É uma bela criatura sem juízo que devemos ter por perto no inverno, quando não existem flores para admirar; e também durante o verão, quando precisamos de qualquer coisa que nos arrefeça a cabeça. Não sejas vaidoso, Basil. Não te pareces minimamente com ele.

— Não me compreendes, Harry — retorquiu o artista. — Claro que não me pareço com ele, sei-o muito bem. Mais: não gostaria nada de parecer-me com ele. Estás a encolher os ombros? Digo-te a verdade. Há um destino fatal para aqueles que se distinguem no aspeto físico e intelectual, o tipo de fatalidade que ao longo da História persegue os passos vacilantes dos reis. É melhor não sermos diferentes dos outros. Os feios e estúpidos são os que tiram mais partido deste mundo. Podem sentar-se à vontade no teatro e embasbacar-se com a peça. Se nada sabem da vitória, pelo menos serão poupados da consciência da derrota. Vivem como todos deveríamos viver: imperturbáveis, indiferentes e sem inquietações. Não são responsáveis pela desgraça dos outros, nem tão-pouco se desgraçam às mãos alheias. O teu estatuto e riqueza, Harry; a minha mente, tal como é; a minha arte, seja o que for que valha; a beleza de Dorian Gray... Todos nós iremos sofrer pelo que os deuses nos ofereceram, sofrer terrivelmente.

— Dorian Gray? É o nome dele? — perguntou Lord Henry, atravessando o estúdio na direção de Basil Hallward.

— Sim, é o nome dele. Não queria contar-te.

— E porque não?

— Oh, não te sei explicar. Quando gosto muito das pessoas, nunca revelo os seus nomes. É como se entregasse uma parte delas. Aprendi a gostar de segredos; são a única coisa que dá encanto e mistério à vida moderna. A coisa mais banal pode ser deliciosa, se formos capazes de a esconder. Quando saio da cidade, nunca conto aos meus próximos para onde vou. Se contasse, deixaria de ter prazer nisso. Será um hábito idiota, talvez, mas parece trazer uma boa dose de romance à vida de uma pessoa, de alguma forma. Julgo que me acharás extremamente pateta por pensar assim.

— Nada disso — respondeu Lord Henry. — Nada disso, meu caro Basil. Pareces esquecer-te de que sou casado, e que o único atrativo do casamento é tornar a mentira absolutamente necessária para ambas as partes. Nunca sei onde está a minha mulher e a minha mulher não sabe o que faço. Quando nos encontramos... e encontramos-nos ocasionalmente, quando jantamos fora ou vamos a casa do duque... contamos um ao outro as histórias mais absurdas com o ar mais sério possível. A minha mulher é excelente nisso... muito melhor do que eu, aliás. Nunca confunde as datas, ao contrário de mim. Mas, quando me apanha em falso, também não faz alarido. Às vezes gostaria que fizesse, mas ela limita-se a troçar de mim.

— Detesto a maneira como falas da tua vida de casado, Harry — comentou Basil, dirigindo-se para a porta que dava acesso ao jardim. — Na verdade, creio que és um ótimo marido, embora profundamente envergonhado das tuas qualidades. És um tipo extraordinário. Nunca dizes uma coisa ética, nem nunca fazes uma coisa errada. O teu cinismo é só uma pose.

— Ser natural é só uma pose... e é a pose mais irritante que conheço! — exclamou Lord Henry, rindo-se; e os dois jovens saíram juntos para o jardim e acomodaram-se num banco comprido de bambu, à sombra de um loureiro alto. A luz do Sol derramava-se nas folhas polidas. As margaridas brancas estremeciam na relva.

Depois de uma pausa, Lord Henry puxou do relógio.

— Acho que tenho de me ir embora, Basil — murmurou. — Mas, antes disso, insisto que respondas à pergunta que te fiz há pouco.

— Que pergunta? — retorquiu o pintor, mantendo os olhos fixos no chão.

— Sabes perfeitamente.

— Não, Harry, não sei.

— Bem, eu explico-te. Quero que me digas por que razão te recusas a expor o retrato de Dorian Gray. A verdadeira razão.

— Eu disse-te a verdadeira razão.

— Não, não disseste. Só comentaste que era por teres posto nele demasiado de ti. Isso é uma infantilidade.

— Harry — proferiu Basil Hallward, olhando-o diretamente. — Todo o retrato pintado com sentimento é um retrato do artista, não do modelo. O modelo é um acaso, uma circunstância. Não é ele que o pintor revela. Pelo contrário: é o pintor que se revela a si próprio na tela colorida. A razão por que não quero mostrar esse retrato é essa: receio ter posto nele o segredo da minha alma.

Lord Henry riu-se.

— E que segredo é esse?

— Eu digo-te — respondeu Hallward, mas o seu rosto revelava perplexidade.

— Sou todo ouvidos, Basil — continuou o amigo, olhando-o de relance.

— Oh, não há muito para contar, Harry. E receio bem que não sejas capaz de entender. Talvez até nem acredites.

Lord Henry sorriu e, baixando-se, arrancou da relva uma margarida de pétalas rosadas e examinou-a.

— Tenho a certeza de que vou entender — assegurou, fixando atentamente o pequeno disco dourado e a sua penugem branca. — E, quanto a acreditar, acredito seja no que for, desde que seja inacreditável.

O vento sacudiu algumas flores das árvores, e os pesados lilases, com os seus cachos de flores estreladas, moveram-se de um lado para o outro no ar lânguido. Uma cigarra começou a cantar junto ao muro e, como um fio azul, uma libélula pairou

no ar com as suas asas de gaze acastanhadas. Lord Henry sentiu que quase conseguia ouvir o coração de Basil Hallward e interrogou-se sobre o que viria a seguir.

— A história é simplesmente esta — disse o pintor, ao fim de algum tempo. — Há dois meses, fui a uma recepção em casa de Lady Brandon. Sabes que nós, os pobres artistas, temos de aparecer em sociedade de vez em quando, só para lembrar ao público que não somos uns selvagens. Com um casaco de noite e uma gravata branca, como me disseste uma vez, qualquer um, até um corretor da bolsa, pode adquirir a reputação de ser civilizado. Bem, depois de ter estado na sala cerca de dez minutos, a falar com académicos entediados e imponentes viúvas exageradamente bem vestidas, tive a súbita impressão de que alguém olhava para mim. Voltei-me e vi Dorian Gray pela primeira vez. Quando os nossos olhares se cruzaram, senti-me empalidecer e fui tomado de uma estranha sensação de terror. Sabia ter encontrado alguém com uma personalidade tão fascinante que, se eu o permitisse, absorveria toda a minha existência, toda a minha alma, toda a minha própria arte. Eu não queria nenhuma influência externa na minha vida. Harry, tu sabes perfeitamente que sou independente por natureza. Sempre fui o meu próprio mestre. Pelo menos assim tinha sido, até conhecer Dorian Gray. Então... não sei como te hei de explicar. Algo me dizia que estava no início uma terrível crise na minha vida. Tive a curiosa impressão de que o destino me reservava especiais alegrias e especiais sofrimentos. Fiquei com medo e voltei-me, com o intuito de abandonar a sala. Não foi a consciência que me levou a fazê-lo, antes uma espécie de covardia. Não me vanglorio de ter tentado fugir.

— Consciência e covardia são a mesma coisa, Basil. A consciência é a marca registada da firma, só isso.

— Não acredito nisso, Harry, nem penso que tu acredites. De qualquer das formas, fosse qual fosse o meu motivo — e pode ter sido por orgulho, porque já fui muito orgulhoso —, não há dúvida de que fiz um esforço para sair dali. Depois, como é evidente, esbarrei com Lady Brandon. «Não vai fugir assim tão cedo, pois não, senhor Hallward?», guinchou. Recordas-te da voz estridente que ela tem?

— Sim. É um pavão em tudo, exceto na beleza — proferiu Lord Henry, desfazendo a margarida com os dedos compridos e nervosos.

— Não consegui livrar-me dela. Foi quem me apresentou à nobreza, aos altos condecorados e às senhoras idosas com tiaras gigantescas e narizes de papagaio. Referiu-se a mim como o seu mais querido amigo. Eu só a tinha visto uma vez, mas logo se lhe meteu na cabeça prestar-me homenagem. Talvez algum dos meus quadros tenha feito um grande sucesso, ou que pelo menos tenha sido comentado nos pasquins, que são o modelo de imortalidade do século XIX. De repente, dei por mim diante do jovem cuja personalidade me inquietava de forma peculiar. Estávamos bastante próximos, quase nos tocávamos. Os nossos olhares voltaram a cruzar-se. Foi imprudente da minha parte, mas pedi a Lady Brandon que me apresentasse. Talvez não tenha sido tão imprudente, afinal. Era simplesmente inevitável. Teríamos falado um com o outro sem qualquer apresentação, tenho a certeza. Dorian disse-mo depois. Ele também sentiu que estávamos destinados a conhecer-nos.

— E como é que Lady Brandon descreve esse jovem maravilhoso? — perguntou Lord Henry. — Sei que lhe agrada fazer um resumo instantâneo de todos os seus convidados. Lembro-me de ela me ter apresentado a um cavalheiro idoso e truculento, de rosto vermelho, todo coberto de ordens e faixas,

depois de me ter contado ao ouvido os pormenores mais espantosos acerca dele, num murmúrio trágico que deve ter sido perfeitamente audível em toda a sala. Simplesmente, fugi. Gosto de descobrir as pessoas por mim próprio. Mas Lady Brandon trata os seus convidados exatamente como um leiloeiro trata os seus produtos: ou os revela de fio a pavio ou conta tudo acerca deles, exceto o que uma pessoa quer saber.

— Pobre Lady Brandon! És duro com ela, Harry! — disse Hallward, com displicência.

— Meu caro amigo, ela tentou fundar um salão e só conseguiu abrir um restaurante. Como poderia admirá-la? Mas conta-me, que comentou ela sobre o senhor Dorian Gray?

— Oh, algo como: «Rapaz encantador... a sua pobre mãe e eu... completamente inseparáveis... não me lembro do que faz... receio que não faça nada... oh, sim, toca piano... ou será o violino, caro senhor Gray?» Claro que nos rimos e ficámos imediatamente amigos.

— O riso não é mau de todo para começar uma amizade, e é, de longe, a melhor maneira de lhe pôr um fim — afirmou o jovem fidalgo, arrancando outra margarida.

Hallward abanou a cabeça.

— Não compreendes o que é a amizade, Harry — murmurou ele. — Ou a inimizade, já agora. Gostas de todos, o que significa que a todos és indiferente.

— Isso é terrivelmente injusto da tua parte! — exclamou Lord Henry, inclinando o chapéu para trás e fitando as pequenas nuvens que seguiam à deriva pelo céu aberto e azul-turquesa do verão, como torvelinhos de seda branca e luzidia. — Sim, és terrivelmente injusto. Distingo muito bem as pessoas. Escolho os meus amigos pela sua boa aparência, os meus conhecidos, pelo seu bom carácter, e os meus inimigos, pelo

seu bom intelecto. Um homem não pode ser demasiado cuidadoso na escolha dos seus inimigos. Não tenho um único que seja tolo. Todos eles são homens com alguma capacidade intelectual e, conseqüentemente, todos me apreciam. Será isso muito vaidoso da minha parte? Talvez um pouco.

— Eu diria que sim, Harry. Mas, segundo as tuas categorias, eu devo ser apenas um conhecido.

— Meu querido Basil, tu és muito mais do que um conhecido.

— E muito menos do que um amigo. Uma espécie de irmão, se calhar.

— Oh, irmãos! Não quero saber de irmãos. O meu irmão mais velho nunca mais morre, e os mais novos parece que estão sempre nas últimas.

— Harry! — exclamou Hallward, franzindo a testa.

— Meu caro amigo, não estou a falar assim tão a sério. Mas não posso evitar detestar os meus familiares. Suponho que tal advém do facto de ninguém suportar pessoas com os mesmos defeitos que os nossos. Compreendo inteiramente a raiva da democracia inglesa contra o que chamam os vícios das classes superiores. As massas julgam que a embriaguez, a estupidez e a imoralidade devem ser sua única exclusiva propriedade, e que se algum de nós fizer figura de parvo estará a invadir as suas coutadas. Quando o pobre Southwark foi ao tribunal para se divorciar, a indignação foi estrondosa. E, no entanto, suponho que nem dez por cento do proletariado viva com moralidade.

— Não concordo com uma única palavra que disseste e, para mais, Harry, tenho a certeza de que tu também não.

Lord Henry cofiou a barba castanha pontiaguda e bateu com a bengala de ébano trabalhado na ponta da bota de couro envernizado.

— És tão inglês, Basil! É a segunda vez que fazes esse comentário. Se alguém expõe uma ideia a um verdadeiro inglês, o que é sempre arriscado, ele nunca avalia se a ideia está certa ou errada. A única coisa que lhe importa é se ele próprio acredita nela. Ora, o valor de uma ideia nada tem que ver com a sinceridade do homem que a profere. O mais provável, de facto, é que quanto mais dissimulado for o homem, mais lógica seja a ideia, pois nesse caso não deixará transparecer as suas necessidades, os seus desejos e os seus preconceitos. Mas não tenho a intenção de discutir política contigo, nem sociologia ou metafísica. Gosto mais das pessoas do que dos princípios, e acima de tudo gosto das pessoas sem princípios. Conta-me mais coisas sobre o senhor Dorian Gray. Costumas vê-lo muitas vezes?

— Todos os dias. Não seria feliz se não o visse todos os dias. É-me absolutamente imprescindível.

— Isso é incrível! Pensei que não te interessasses por mais nada a não ser a tua arte.

— Para mim, ele agora é toda a minha arte — afirmou gravemente o pintor. — Às vezes penso, Harry, que existem apenas duas eras significativas na história do mundo. A primeira é o aparecimento de uma nova técnica para a arte e a segunda é o aparecimento de uma nova personalidade para a arte. O que a invenção da pintura a óleo foi para os venezianos, o rosto de Antínoo foi-o para a escultura grega tardia, e é isso que será para mim o rosto de Dorian Gray. Não se trata apenas de pintar, desenhar e fazer esboços em função dele. Claro que já fiz tudo isso. Mas ele representa muito mais do que um modelo ou alguém que posa para mim. Não vou dizer-te que não estou satisfeito com o que fiz, ou que a sua beleza é tal que a arte não a pode expressar. Não há nada que a arte não possa expressar, e sei que o trabalho que alcancei, desde que conheci Dorian Gray,

é um bom trabalho... é o melhor trabalho da minha vida. Mas, de um jeito peculiar, e não sei se me compreenderás, a sua personalidade sugeriu-me uma forma de arte inteiramente nova, um estilo inteiramente novo. Vejo as coisas de maneira diferente, penso nelas de maneira diferente. Agora posso recriar a vida de um modo que antes me estava vedado. «Um sonho da Forma em dias do Pensamento»... Quem é que o disse? Não me lembro, mas é o que Dorian Gray tem sido para mim. A mera presença deste rapaz — porque ele parece pouco mais do que um rapaz, embora já tenha passado dos vinte anos —, a sua mera presença... Será que podes perceber tudo o que isso significa? Inconscientemente, ele representa para mim as linhas de uma nova escola, uma escola que deve conter toda a paixão do espírito romântico e toda a perfeição do espírito dos Gregos. A harmonia da alma e do corpo... O quanto isso vale! Na nossa loucura, separámos ambos e inventámos um realismo vulgar e uma idealização vazia. Harry! Se soubesses o que Dorian Gray significa para mim! Lembras-te daquela minha paisagem que Agnew quis comprar por bom preço, mas da qual não me separei? É uma das melhores coisas que já fiz. E porquê? Porque, enquanto a pintava, Dorian Gray estava sentado ao meu lado. Alguma influência subtil passou dele para mim e, pela primeira vez na minha vida, vi naquela banal planície arborizada o deslumbramento que sempre procurei e que sempre me escapou.

— Basil, isso é extraordinário! Tenho de ver Dorian Gray.

Hallward levantou-se do banco e começou a caminhar de um lado para o outro no jardim. Passado algum tempo, voltou.

— Harry — disse —, para mim, Dorian Gray é apenas um motivo artístico. Podes não ver nada nele. Eu vejo tudo. Está tanto mais presente no meu trabalho quanto a sua imagem estiver

ausente. Como já te disse, é a inspiração de uma nova forma de arte. Encontro-o nas curvas de certas linhas, no encanto e na subtileza de certas cores. É só isso.

— Nesse caso, porque é que não queres expor o retrato dele? — perguntou Lord Henry.

— Porque, embora não tivesse a intenção, pus nesse retrato algo desta estranha idolatria artística; da qual nunca lhe falei, como é óbvio. Ele não sabe nada sobre o assunto e nunca saberá. Mas o mundo pode adivinhá-lo, e eu não vou expor a minha alma a olhares curiosos e superficiais. Nunca porei o meu coração debaixo desse microscópio. Há demasiado de mim naquela obra, Harry. Demasiado de mim!

— Os poetas não são tão escrupulosos como tu. Eles sabem como a paixão ajuda a publicar. Hoje em dia, um coração partido serve para esgotar muitas edições.

— Odeio-os por isso! — exclamou Hallward. — Um artista deve criar coisas belas, mas não deve deixar transparecer nelas a sua própria vida. Vivemos numa época em que os homens tratam a arte como se esta fosse destinada a ser uma forma de autobiografia. Perdemos o sentido abstrato da beleza. Um dia, mostrarei ao mundo o que isso é; eis a razão por que o mundo nunca verá o meu retrato de Dorian Gray.

— Acho que estás enganado, Basil, mas não vou argumentar. Só os intelectualmente confusos argumentam. Diz-me, Dorian Gray gosta muito de ti?

Por momentos, o pintor refletiu.

— Ele gosta de mim — respondeu, após uma pausa. — Eu sei que ele gosta de mim. Claro que o lisonjeio terrivelmente. Encontro um estranho prazer em dizer-lhe coisas que sei que me arrependerei de ter dito. Por norma, ele é encantador comigo. Sentamo-nos no estúdio e falamos de mil e um assuntos. De vez

em quando, porém, é horrivelmente descuidado e parece ter um verdadeiro prazer em infligir-me dor. Nessas alturas, Harry, sinto que dei toda a minha alma a alguém que a trata como uma flor para usar na lapela, como enfeite para a sua vaidade, como um ornamento de um dia de verão.

— Os dias de verão tendem a ser longos, Basil — murmurou Lord Henry. — É provável que te canses mais cedo do que ele. É uma coisa triste de imaginar, mas não há dúvida de que o génio dura mais do que a beleza. Isso explica o facto de todos nós sofreremos para nos aperfeiçoarmos. Na luta selvagem pela existência, queremos ter algo que perdure, e por isso enchemos as nossas mentes de lixo e de factos, na esperança vã de garantirmos o nosso lugar. O homem perfeitamente bem informado — aí está o ideal moderno. E a mente do homem perfeitamente bem informado é uma coisa hedionda. É como uma loja de bricabraque, só com monos e pó, e tudo marcado a um preço acima do seu valor real. Mesmo assim, acho que serás tu a cansar-te primeiro. Um dia, vais olhar para o teu amigo e ele vai parecer-te um pouco desfocado, ou não vais gostar do seu tom de pele, ou algo assim. Vais censurá-lo amargamente no teu coração e acreditar com todas as tuas forças que ele se portou muito mal contigo. Depois, na próxima vez que ele perguntar por ti, vais ser perfeitamente frio e indiferente. O que será lamentável, porque isso irá modificar-te. O que me contaste é um romance e tanto. Um romance artístico, se assim o podemos dizer, e a pior parte de viver qualquer género de romance é quando nos deixa pouco românticos.

— Harry, não fales assim. Enquanto eu for vivo, a personalidade de Dorian Gray vai dominar-me. Tu não consegues sentir o que eu sinto. És demasiado volúvel.

— Ah, meu caro Basil, é exatamente por isso que consigo senti-lo. Aqueles que são fiéis conhecem apenas o lado trivial do amor. Só os infiéis conhecem as tragédias do amor.

Lord Henry acendeu um fósforo numa delicada caixa de prata e começou a fumar um cigarro, com ar compenetrado e satisfeito, como se tivesse resumido o mundo numa frase. Os pardais chilreavam nas folhas verde-lacado da hera e as sombras azul-escuras das nuvens perseguiram-se na relva, tal e qual as andorinhas. Como se estava bem no jardim! E como as emoções dos outros eram deliciosas! Muito mais do que as suas ideias, julgava ele. A sua alma e as paixões dos seus amigos eram as coisas fascinantes da vida. Congratulava-se, silenciosamente divertido, a imaginar o almoço entediante que evitara por ter ficado tanto tempo com Basil Hallward. Se tivesse visitado a tia, de certeza que encontraria Lord Goodbody, e toda a conversa andaria à volta da alimentação dos pobres e da necessidade de alojamentos-modelo. Cada classe teria pregado sobre a importância dessas virtudes, um exercício desnecessário às suas próprias vidas. Os ricos elogiariam a poupança e os ociosos seriam eloquentes com a dignidade do trabalho. Que maravilha escapar a tudo isso! Enquanto pensava na tia, uma ideia pareceu apoderar-se dele. Voltou-se para Hallward e disse:

— Meu caro amigo, acabo de me lembrar.

— Lembraste-te de quê, Harry?

— Onde ouvi o nome de Dorian Gray.

— Onde foi? — perguntou Hallward, com um ligeiro franzir de sobrancelhas.

— Não fiques tão zangado, Basil. Foi em casa da minha tia, Lady Agatha. Ela disse-me que tinha descoberto um jovem maravilhoso que a ia ajudar no East End e que o seu nome era Dorian Gray. Sou obrigado a afirmar que nunca me contou que

ele era bonito. As mulheres não ligam à aparência; pelo menos, as mulheres de virtude. Só afirmou que ele era um jovem muito sério e que tinha uma natureza agradável. Imaginei imediatamente uma criatura de óculos e cabelo escorrido, com sardas horríveis, a tropeçar nos pés enormes. Quem me dera ter sabido que era o teu amigo.

— Estou feliz por não teres sabido, Harry.

— Porquê?

— Não quero que o conheças.

— Não queres que eu o conheça?

— Não.

— O senhor Dorian Gray está no estúdio, senhor — disse o criado, aparecendo no jardim.

— Agora tens de mo apresentar — exclamou Lord Henry, rindo-se.

O pintor voltou-se para o empregado, aturdido pela luz do Sol.

— Peça ao senhor Gray para esperar uns instantes, Parker. Eu já vou ter com ele.

O homem fez uma vénia e afastou-se. Basil olhou para Lord Henry.

— Dorian Gray é o meu amigo mais querido — disse. — Tem um espírito simples e belo. A tua tia tinha toda a razão no que contou sobre ele. Não o estragues com mimos. Não tentes influenciá-lo. A tua influência seria má. O mundo é muito grande e está cheio de gente maravilhosa. Não me tires a única pessoa que dá à minha arte o encanto que pode ter. Como artista que sou, a minha vida depende de Dorian Gray. Confio em ti, Harry, não te esqueças.

Falou muito devagar, e as palavras quase pareciam arrancadas contra a sua vontade.

— Dizes cada disparate! — exclamou Lord Henry, sorrindo.
Tomando Hallward pelo braço, quase o empurrou para dentro de casa.

Um livro inesquecível que chegou a ser censurado, mas que se tornou um clássico.

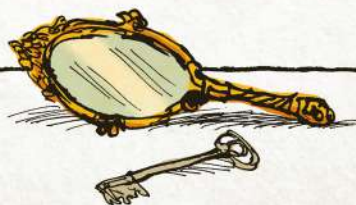
Basil Hallward, um artista famoso, pinta o retrato de Dorian Gray. Ele está fascinado com este jovem elegante e educado que encanta a sociedade londrina do final do século XIX. Convencido da sua boa aparência e de que procurar o prazer e a beleza são as coisas para as quais vale a pena viver, Dorian comenta que faria tudo para permanecer eternamente belo e jovem.

É então que começa a dar-se um estranho fenómeno: o quadro vai mudando e o retratado não. Apesar do declínio moral e dos anos que passam por Dorian, ele mantém a aparência juvenil e agradável. Porém, no quadro, o seu retrato vai mostrando todas as marcas do tempo e da sua vida cheia de vícios. Ao longo dos anos, Dorian consegue esconder o quadro do olhar de todos. Mas há um dia em que o estranho mistério finalmente se revela.

«O verdadeiro acontecimento que irá conduzir a narrativa é a metamorfose que a pintura vai sofrendo, trazendo à superfície, à representação, todas as camadas mais secretas e tenebrosas da alma do retratado.»




in Introdução, de Afonso Cruz

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

15+

ISBN 9789897870743



9 789897 870743 >